

Inquisição no Brasil: uma abordagem da atuação do Santo Ofício na literatura didática do ensino de História¹

Samanta Souza Dias*

Introdução:

A presente comunicação inserida na perspectiva da História Cultural pensada por Roger Chartier tem como objetivo central investigar a atuação do Santo Ofício na literatura didática voltada para o ensino básico. O livro didático faz parte dessas novas fontes fundamentadas no estudo de *Novos objetos, Novas Abordagens e Novos Problemas*². A História Cultural adentra nas construções que possuem mobilidade, que são conflituais, a partir das práticas, das representações e lutas de representações. Roger Chartier, historiador da cultura enfatiza em seu livro “A história cultural: entre práticas e representações” que “a história cultural tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”(CHARTIER, 1988, p. 16-17).

O livro didático

Pretendemos considerar o livro didático como objeto material. Partiremos do suposto de que as idéias, sentimentos e valores transmitidos por um livro só ganham existência no livro impresso. Assim sendo, ao longo de nossa análise, estaremos atentos à recomendação de Chartier:

¹ Investigação que venho realizando a partir do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo á Docência (PIBID) pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ. O tema e a experiência em sala de aula levaram-me a problematizar algumas questões sobre o “livro didático”. A partir do PIBID e apoio da CAPES/UFSJ comecei a desenvolver um trabalho de Iniciação Científica, iniciado em 2012 ainda em processo de estudo, porém já com alguns resultados preliminares.

* Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Orientador: Orlando José de Almeida Filho - Doutor em Educação: história, política, sociedade pela PUC- SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) - 2008. Agência Financiadora: CAPES/UFSJ.

² Os títulos, LEGOFF, Jacques e NORA Pierre. História: novos problemas; Novas abordagens e Novos objetos são publicações da livraria Francisco Alves e revelam um campo de conhecimento da história que vem se construindo desde os anos 60 e 70 do século XX, a partir de uma Nova História que leva em consideração as múltiplas relações culturais da sociedade no tempo e espaço.

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável por que desligado de qualquer materialidade é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja; que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do 'autor'; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor. Esta distância, que constitui o espaço no qual se constrói o sentido, foi muitas vezes esquecida pelas abordagens clássicas que pensam a obra em si mesma, como um texto puro cujas formas tipográficas não têm importância, e também pela teoria da recepção que postula uma relação direta, imediata, entre o 'texto' e o leitor, entre os 'sinais textuais' manejados pelo autor e o 'horizonte de expectativa' daqueles a quem se dirige. (CHARTIER, 1990, p.126-127).

Pensar o livro didático em sua materialidade implica em tomá-lo como objeto cultural e, ao mesmo tempo, como mercadoria. Cassiano define que o livro didático

[...] possui um valor de uso que se concretiza na escola e, portanto, contém princípios da educação, como também um valor de troca, que envolve todos os elementos vinculados à sua produção e circulação, logo, à situação de mercado. (CASSIANO, 2003, p.1).

Produto da indústria cultural, o livro imaginado percorre um longo caminho até transformar-se em livro impresso, e este “ciclo vital”³ envolve o trabalho de um conjunto numeroso de profissionais: autor, editor, copidesque, ilustrador, revisor, diagramador, impressor, distribuidor, divulgador, leitor, entre outros.

Enquanto objeto material, Chartier nos informa que o livro é um objeto organizado por “folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão de cadernos”. (CHARTIER, 1998, p.7). O livro didático, por sua vez, é separado por capítulos com temas didaticamente estruturados em textos, imagens, fotos, iconografia, gravuras, gráficos, atividades, chamadas conceituais ou explicativas de autores clássicos e/ou pesquisas recentes, mapas, letras de diversos tamanhos e com fontes diferentes, letras de músicas dentre outros.

³ Nomenclatura usada por Egil Børre Johnsen em seu artigo *Libros de texto en el calidoscopio*. Estúdio crítico de la literatura y la investigación sobre los textos escolares. Barcelona: Pomares-Corredor, 1996.

O livro didático é também “um instrumento pedagógico inscrito em uma longa tradição, inseparável tanto na sua elaboração como na sua utilização das estruturas dos métodos e das condições do ensino de seu tempo”. (Choppin, 1980, p.19).

Para Lajolo didático

[...] é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Assim, para ser considerado didático, um livro precisa ser usado de forma sistemática, no ensino aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento, geralmente já consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser possível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor. (LAJOLO, 1991, p. 77).

Circe Bittencourt, por sua vez, autora de um dos estudos clássicos sobre a história do livro didático no Brasil apresenta as várias dimensões deste artefato em sua complexidade:

“O livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencente à lógica do mercado. Como mercadoria ele sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização. Em sua construção interferem vários personagens, iniciando pela figura do editor, passando pelo autor e pelos técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores. [...] E, finalmente, o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura.” (BITTENCOURT, 1998: p.71-72).

Desta forma, parte do ofício do professor, também é trazer a discussão sobre o conteúdo curricular e o conteúdo apresentado no livro didático, buscando junto aos alunos uma análise crítica do material utilizado. O livro passa, então, a ser tido tanto como meio de reprodução de conteúdos, como expoente de práticas pedagógicas e elemento da cultura escolar, quanto também como uma fonte passível de relativizações.

Inquisição no Brasil

Seguindo a linha da “Nova História Cultural” de Chartier, como a preocupação com as mentalidades no Brasil, Laura de Mello e Souza, com seu livro “O Diabo e a Terra de Santa Cruz” surge como uma de suas primeiras representantes, utilizando

fontes inquisitoriais, tratados de teologia e fontes literárias. O estudo das religiões tem sido uma área onde as abordagens culturais tem impacto notável. Sendo assim:

“A História das religiões já não é mais uma mera história institucional da Igreja ou das atividades missionárias. O conceito de religião “popular”, enquanto aspecto de uma putativa “cultura popular”, tornou-se um grande foco da teoria”. (SCHWARTZ, 2009: p.201).

A inquisição por algum tempo foi esquecida e sua real ação no Brasil manteve-se ausente nos livros didáticos. Nos anos de 1980 e 1990 surgem novos estudos com a riqueza das fontes inquisitoriais. É neste contexto que se destaca Laura de Mello e Souza sobre a religião popular e a feitiçaria e seguindo esta mesma tendência, Ronaldo Vainfas, insere a América Portuguesa no mundo cristão moderno através da Companhia de Jesus e do Santo Ofício no seu livro “Trópico dos Pecados”.

A historiografia sobre Inquisição na América Portuguesa aponta que houve três visitas à colônia feita pelos familiares do Tribunal do Santo Ofício respectivamente nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Após a instalação da visita, vários eram os rituais a serem seguidos. Fernando Vieira nos aponta como se deu na primeira visita:

“... o visitador afixou os éditos da fé, da graça e o monitório. O primeiro convocava as pessoas a delatar as culpas de que tinham conhecimento, de quem quer que fosse, independente da condição do acusado. O édito da graça conclamava os culpados dos crimes sob a alçada da inquisição a apresentarem-se à mesa da visita, prometendo-lhes a isenção das penas mais severas como o confisco de bens, tudo isto dentro de um tempo determinado.” (VIEIRA, 2006: p.10).

Por trás deste mecanismo as pessoas se confessavam produzindo mais denúncias. A segunda visita ocorreu no século XVII, entre 1618-1620, produzida pelo Licenciado Marcos Teixeira, na Bahia e a terceira e última visita, no Pará, Maranhão e Rio Negro, ocorreu entre 1763 e 1769, levada a cabo por Geraldo José Abranches. (PEREIRA, 2006: p.34)

A Inquisição moderna apresentava aspectos distintos da Inquisição medieval. Ana Margarida aponta que a moderna:

“Era um tribunal eclesiástico, construído por clérigos seculares, normalmente formados em Direito canônico, atuando sob delegação do papa, mas, ao mesmo tempo, era um tribunal da monarquia, em que o rei intervinha na nomeação dos cargos diretores e era ouvido nas matérias de maior importância.”(PEREIRA; 2006: p. 53).

Os livros didáticos tendem a mostrar que a punição da inquisição ocorreu somente com a queima na fogueira. Na verdade, as penas para quem fosse acusado por algum crime contra a fé⁴ ou contra a moral⁵ variavam desde multa, açoites, reclusão em conventos ou casas de recolhimento, serviços em hospitais, trabalhos forçados em obras, galés até relaxado ao braço secular.⁶

A proposta de investigar *A Inquisição no Brasil: uma abordagem da atuação do Santo Ofício na literatura didática do ensino de História* procurará adentrar pelo conteúdo do livro didático de História. Nasceu a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e contará com uma pesquisa em andamento feita na Escola Estadual Dr. Garcia de Lima utilizando questionário feito com 70 alunos do terceiro ano do ensino médio

As fontes possibilitarão investigar as diferentes representações sobre a inquisição no Brasil e seus desmembramentos já que nesses materiais didáticos nota-se uma ausência da atuação e a existência do Tribunal do Santo Ofício no Brasil. Estudos recentes, sobretudo a partir dos anos 1980, de pesquisadores como Maria Leônia Chaves de Resende, Laura de Mello e Souza, Ronaldo Vainfas, Ana Margarida Santos Pereira e Anita Novinsky dentre outros que investigaram a atuação da inquisição no Brasil; Helena Ragusa que desenvolveu pesquisas sobre a atuação da inquisição em livros didáticos; demonstram que a atuação da inquisição foi marcante no Brasil e essas referências, muitas vezes, são ausentes nos livros de cunho didático.

Os Livros:

⁴ Eram os mais graves. São os heréticos (luteranismo, judaísmo, protestantismo, blasfêmia, feitiçaria e fingimento sacerdotal).

⁵ Solicitação, bigamia, sodomia, leitura de livros proibidos dentre outros.

⁶ Pena de morte (garrote, queimado em efígie, queimado vivo).

Esta pesquisa volta-se para o estudo do livro didático e de modo particular a partir da escolha de quatro autores de obras didáticas de história que circulam no período de 2003 a 2005 em escolas públicas : COLTRIM, Gilberto. *História Global* _ v. único_ 8. ed. São Paulo; Saraiva, 2005; FILGUEIRA, Divalte Garcia. *História*: v. único; livro do professor. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005; E SCHIMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica: ensino médio*: v. único. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2005 e PETTA, Nicolina Luiza e OJEDA, Eduardo Aparicio Baez. *História: uma abordagem integrada*: v. único, dois. ed. – São Paulo: Moderna, 2003.

Ressaltamos que os livros didáticos selecionados foram editados pelas principais editoras de livros atuais: Editora Positivo que foi fundada em 1972, em Curitiba (PR); Saraiva, fundada em 1914; Ática⁷, fundada em 3 de junho de 1965; Nova Geração Ltda, fundada há 24 anos e a Editora Moderna fundada em 1968.

Nossa intenção em dimensionar a relevância ao tema da Inquisição no Brasil é que embora muito atuante na colônia, o que permeia a literatura didática em análise é uma omissão ou pouca exploração, nos levando a questionar dentre outros fatores o que ainda prevalece na escolha que irá permear a escrita produzida nos livros didáticos.

Sendo assim, entendemos que o papel do livro didático na construção de uma memória escolar é de informação, difusão do passado e reflexão.

Referencial teórico-metodológico

Na condução do estudo fizemos uso da abordagem da história cultural e dos conceitos de representação⁸, apropriação⁹ trabalhados por Chartier e estratégia¹⁰ trabalhados por Michel de Certeau.

⁷ Sobre a editora Ática ver: Silvia Borelli, “Ática: história editorial, mercado local e internacional de bens simbólicos” 1996.

⁸ Para Chartier a noção de “representação” indica o modo pelo qual uma realidade é construída, pensada e lida por diferentes grupos sociais. (CHARTIER. 1990: p.16)

Roger Chartier e seus conceitos de “representações” e “apropriações” presentes em uma produção histórica cultural passa a orientar a história da leitura. Baseados nestes conceitos percebemos a forma como os alunos se apropriam de um determinado conteúdo seja pela imagem ou pelo texto. No caso do livro didático, imagem e texto possuem representações de mundo e o professor ao ler o livro, constrói suas representações assim como os alunos.

Entendemos que “estratégia” está relacionada à prática de leitura. Há determinados tipos de leituras feitas nas escolas, utilizando os livros didáticos por exemplo, que apresentam a estratégia de remeter a um tipo de reflexão o que leva a uma prática de leitura, sejam em textos verbais e/ou não verbais ou em imagens. A didatização do texto tem a estratégia de levar o aluno a produzir um determinado sentido.

Alguns Resultados:

História: uma abordagem integrada de Nicolina Luiza Petta e Eduardo Aparicio Baez Ojeda:

No capítulo 7 da unidade 1, intitulada “As questões religiosas: Reforma e Contrarreforma”, os autores representam a Inquisição com a companhia de Jesus: “Muitos Jesuítas vieram para a América catequizar os índios, aumentando assim o número de fiéis para a Igreja Católica”. Logo após, o livro tem uma imagem representando Antônio Vieira catequizando dois índios e um texto explicativo relatando que o mesmo veio ao Brasil para catequizar os indígenas. Neste mesmo capítulo é tratado em meia página o reativamento do Tribunal da Inquisição e o modo violento como agiu condenando quem fosse contra os dogmas da igreja católica. A imagem “O

⁹ A de “apropriação” para Chartier significa a forma como os indivíduos dão sentido pessoal ao que vêem e lêem, construindo um sentido de interpretação, e este caráter envolve diversas características pessoais do leitor como competência de interpretação. (CHARTIER. 1990: p.16)

¹⁰ Para Certeau o conceito de “estratégia” é “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”. (CERTEAU. 1994)

martírio de Savonalora na Piazza della Signoria, autor desconhecido, c.1500” é estrategicamente feito para produzir um sentido de horror das execuções mostrando a queima na fogueira onde são atores desta imagem os executores, os condenados, os padres e a população. A única indicação que houve inquisição no Brasil é na representação da imagem de Antônio Vieira mas não há um texto explicativo indicando que houve Inquisição na América Portuguesa, o autor não relaciona a imagem ao texto explicativo. Os exercícios contidos neste livro foram tirados de vestibular e fazem referência a ação da Companhia de Jesus e a contrarreforma não contendo exercícios específicos para a Inquisição no Brasil. Nota-se, na análise da bibliografia utilizada pelo autor, que há uma ausência de livros clássicos sobre os novos estudos de Inquisição no Brasil.

História Global de Gilberto Cotrim:

No capítulo 22, subtítulo “Inquisição no Brasil” Cotrim dedica uma página para tratar da Inquisição no Brasil com abordagem diferente dos outros autores aqui analisados. Ele parte da ideia do sincretismo religioso da população colonial em decorrência de crenças e ritos provenientes dos indígenas, africanos e europeus. Trata de como é a igreja atual no Brasil através das três visitações ocorridas, com ênfase nos cristãos-novos. Os exercícios contemplados neste capítulo estão totalmente entrosados com o conteúdo levando os alunos a relacionarem a Inquisição Medieval ocorrida na Europa e a Moderna, ocorrida na América Portuguesa, relacionando passado e presente.

Coltrim Utiliza também uma bibliografia mais recente sobre os estudos inquisitoriais no Brasil desempenhados por Laura de Mello e Souza e Luiz Mott, em “História da Vida Privada no Brasil. V.1 de 1997.” Outro aspecto a ressaltar é o uso de leituras complementares relativas aos estudos recentes sobre Inquisição no Brasil que o autor indica como o de Sônia Siqueira, “A inquisição de 1997” que já é um diferencial dos outros autores analisados.

História de Divalte Garcia Figueira:

A representação que Divalte faz sobre Inquisição é abordada em meia página fazendo referência ao surgimento do Tribunal do Santo ofício na época medieval. Este é outro autor que associa punição com morte da fogueira. Quando o aluno passa a fazer este tipo de leitura, ela produz um sentido associando sempre Inquisição com bruxas e punição somente na fogueira. Os exercícios propostos levam a uma consciência histórica e interpretativa interessante, mas não diz nada sobre Inquisição no Brasil. Em “Leitura e Debate” o texto “O Destino dos Hereges” mostra que o herético era condenado à fogueira e não induz o leitor a um pensamento mais conciso dos diversos métodos de punir que existiam. O texto leva a crer que todos os condenados eram levados à morte na fogueira, deixando este aspecto como “verdade absoluta”. Baseados em estudos recentes como o de Ronaldo Vainfas em “Trópico dos pecados” tem-se que as punições variavam de acordo com o crime desde confisco dos bens do acusado, trabalho forçado em galés, chegando até a morte na fogueira.

Os exercícios fazem referência ao tema “Inquisição medieval” o que estabelece relação entre atividades e texto levando a argumentação do aluno, mas não fazem paralelos com as consequências da Inquisição nos dias atuais e nem levantam questões sobre inquisição no Brasil. Em relação à época moderna, o autor levanta a questão da Companhia de Jesus para a disseminação da fé católica, principalmente no que se refere à catequese indígena nas Américas, expondo apenas a importância na educação, sendo que vários estudos demonstram que neste período houve intensa perseguição aos índios no Brasil por estas companhias e expõe a intolerância religiosa da contrarreforma muito vagamente. Quanto aos exercícios, nota-se que levam há uma melhor reflexão se comparados ao texto didático abordado pelo autor.

Nova história crítica de Mario Furley Schmidt:

O autor expõe o papel do Tribunal do Santo Ofício de “tristemente célebre” (pág.164). O autor cita que o período mais intenso de caça às “bruxas” foi do século XV ao XVII, e generaliza afirmando “Elas foram caçadas e queimadas na fogueira tanto pelos católicos quanto pelos protestantes.” (pág. 165). As duas imagens tratadas foram relacionadas apenas a feitiçaria, a primeira intitulada “*Diabo seduzindo uma mulher a*

fazer um pacto”, de Lamiis, datada de 1489, Ulrich Molitor e a segunda “*Bruxas na fogueira*” *Histoire générale des églises évangélique des vallées de Piémonte ou Valdoises*, de Jean Léger, datada de 1669, com os personagens de duas mulheres sendo queimadas na fogueira e três homens executores da ação. A primeira foto está relacionada com a feitiçaria, sempre associada ao pacto demoníaco, onde o demônio em forma de homem cavalheiro seduzia as mulheres sendo que a relação bruxa e demônio fazia parte da mentalidade do Brasil colônia.

É notável nos livros didáticos a fascinação e a ênfase dada na queima dos condenados pelo tribunal na fogueira, assim como mostra este autor na segunda figura. Isto leva os alunos a acreditarem que existia apenas a perseguição as bruxas e o castigo de ser queimado. Os textos didáticos aqui analisados sobre o tema “Inquisição” mostram uma fascinação em tratar as feiticeiras e a queima na fogueira.

Resultados Parciais:

Analisando os livros didáticos percebemos que não carregam um conhecimento absoluto, muitas vezes apresentam informações limitadas para determinado assunto como foi observado na pesquisa. Nessas circunstâncias, cabe ao professor encontrar novas possibilidades e alternativas para lidar com o “conhecimento” imposto no livro didático. Muitos temas costumam ser abordados com simplicidade e superficialidade; há, por exemplo, uma omissão de informações que podem ser importantes para a compreensão de determinado assunto. Isso acontece devido à estratégia editorial, pois o autor, ou os autores, dos livros didáticos fazem escolhas, selecionam o que julgam essencial num tema.

Os manuais didáticos analisados trazem estudos em grande parte apenas sobre inquisição medieval deixando a desejar em relação ao Brasil, mostrando sempre uma ausência neste aspecto. Analisando a bibliografia para escrever estes manuais, tem-se que apenas Coltrim utiliza uma abordagem mais completa ao dedicar uma página para tratar Inquisição no Brasil que já é um diferencial dos outros autores aqui analisados. Ele parte da ideia do sincretismo religioso da população colonial em decorrência de

crenças e ritos provenientes dos indígenas, africanos e europeus e mostra a igreja atual no Brasil através das três visitas ocorridas com ênfase nos cristãos-novos, mostrando assim os novos estudos feitos na academia levados para a sala de aula das escolas públicas.

A representação a partir dos livros didáticos, formada nos alunos, relaciona Inquisição com bruxaria e queima na fogueira, fazendo com que todo o processo ocorrido no Brasil neste período seja esquecido.

Percebe-se que quando a “Inquisição no Brasil” é tratada, a mesma não é bem explicitada, exceto por Gilberto Coltrim. Embora recentes, os estudos inquisitoriais no Brasil fazem parte de uma bibliografia importante, limitada apenas à academia e longe da realidade do contexto escolar da História do Brasil.

Fontes:

COLTRIM, Gilberto. *História Global*. volume único, 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

FILGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. volume único; livro do professor. 1.ed. São Paulo: Ática, 2005.

PETTA, Nicolina Luiza e OJEDA, Aparício Baez. *História: uma abordagem integrada*: volume único, 2.ed. – São Paulo: Moderna, 2003.

SCHIMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica: ensino médio*. volume único. 1.ed. São Paulo: Nova Geração, 2005.

Bibliografia:

BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália, séculos XV a XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BITTENCOURT, Circe M. F. *Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)*. In: Revista Educação e Pesquisa, vol.30, n.3, São Paulo, Set./Dez. 2004.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *Circulação do livro didático: entre práticas e prescrições*. 2003. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.



- _____. “O que é o Livro Didático?”. Revista Tema, São Paulo: s.n, n.27,dez. 1996.
- CERTEAU, Micheu de. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*. Tradução de Ephaim ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietações*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- _____. *Texto, impre-ssão, leituras*. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil S. A. 1990.
- CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 3, 1980.
- JOHNSEN, Egil Børre. *Libros de texto en el calidoscopio. Estudio crítico de la literatura y la investigación sobre los textos escolares*. Barcelona: Pomares-Corredor, 1996.
- LAJOLO, Marisa. *Livro didático: um (quase) manual de usuário*. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, jan/mar. 1996.
- LE GOFF, Jacques, NORA. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- _____. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- _____. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- MATOS, Francisco Gomes e CARVALHO, Nelly. *Como Avaliar um livro didático*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- NOVINSKY, Anita. *A INQUISIÇÃO*. São Paulo, Brasiliense. 1983.
- RAGUSA, Helena. *Livros didáticos e a história do Brasil: a atuação da inquisição e a perseguição aos neocristãos na América portuguesa*. Simpósio Internacional de estudos inquisitoriais, Salvador, agosto 2011.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: companhia das letras, 2009.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.